

A continuidade do Museu de Rua

*Angela Tereza Sperb**
*Patricia Rosina Stoffel Hansen***

Resumo

Este texto é um relato baseado no trabalho de educação patrimonial integrado à proposta educacional do município de Picada Café, conhecido como Museu de Rua. Possui uma trajetória que já soma nove anos de atuação com apoio da Secretaria de Educação e, segundo relatos de seus participantes, faz parte da vida da comunidade, engendrou inúmeras iniciativas e interligou-se com diversas situações e empreendimentos na área de patrimônio histórico, cultural e ambiental. Destaca-se o envolvimento da comunidade junto às ações propostas pelo museu e ressalta o diálogo com as práticas escolares na perspectiva de superação de suas limitações. Apresenta-se também os pressupostos metodológicos da iniciativa voltada para a preservação do patrimônio e analisa, por fim, os motivos prováveis pela permanência e continuidade do Museu de Rua.

Palavras chave: Educação Patrimonial. Museu de Rua Patrimônio. Comunidade. Picada Café.

Achei o trabalho maravilhoso. Que não termine jamais! Este foi um dos muitos comentários registrados no livro de presenças do primeiro *Museu de Rua*, em 2004, em Picada Café. O entusiasmo e a aprovação de quem visitou a exposição – pessoas da comunidade e da região – e a motivação de quem realizou a pesquisa e organizou o Museu – os professores e alunos das escolas municipais e estadual do município – foram determinantes para a continuidade do projeto Museu de Rua e de todas as ações daí decorrentes.

Menos do que a reflexão teórica que subsidiou e perpassou a ação realizada, o que segue é o relato do trabalho em educação patrimonial que foi desenvolvido durante nove anos – 2004 a 2012 – em Picada Café, durante cinco gestões na Secretaria de Educação. Integrado à proposta educacional do município, conhecido com a denominação de *Museu de Rua*, fez parte da vida da comunidade, engendrou inúmeras iniciativas e se interligou com diversas situações e empreendimentos na área de patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Portanto, o Museu de Rua não foi uma ação isolada, que se sustenta por si mesma, mas um conjunto de ações que se constitui num braço, entre outros três, de diversas ações interligadas, interagentes e cúmplices entre si, sob a égide de um programa de educação patrimonial que envolveu a comunidade como um todo. O fato de estar acolhido num marco mais amplo de ações, para as quais contribuiu, com as quais dialoga e encontra sentido para além de práticas escolares diferenciadas, entendemos que seja uma das razões de sua continuidade.

As ações com patrimônio histórico, em Picada Café, deram-se sobre um território – a área do município – e com uma comunidade – os moradores. Iniciou com atividades educacionais nas escolas e ampliou essa ação para o Núcleo Histórico do Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, criado no final do segundo semestre de 2004¹. As atividades educacionais deram-se como práticas educativas formais – na Escola e no Núcleo Histórico, ambos interligados e complementares – que culminaram com Museus de Rua, e como atividades de educação informal, através de eventos como Roda de

Memória², *Hausmusik* (Música no Lar)³ e A Igreja é o Palco⁴. Contou, também, com instrumentos impressos, o informativo *Na trilha dos lírios*, e entidades de apoio criadas para garantir a continuidade e serem complementares ao Programa: a Associação de Amigos do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Ambiental de Picada Café (AAPHAC) e a Cooperativa de Artesanato (FidesArt). Todas as ações visam valorizar a cultura local e, simultaneamente, integrar os novos moradores e suas histórias e tradições. Pretende-se com o conjunto de ações e iniciativas que a comunidade assuma consciente e deliberadamente seu patrimônio material e imaterial de forma viva, coletiva e solidária, trate-o como elemento fundamental de sua identidade ou DNA cultural, e utilize de modo sustentável através da cultura empreendedorista local⁵ e de associações criadas para tal fim.

A proposta partiu da Secretaria de Educação do Município, em 2014, voltada inicialmente para um evento comemorativo, mas caminhou para se tornar uma política ora mais, ora menos estimulada pela administração pública, ao longo de nove anos. O vínculo com a Secretaria de Educação foi um fator importante para a continuidade dos Museus de Rua, porque manteve abertas as portas das escolas e permitiu que os professores continuassem com seus trabalhos de pesquisa e valorização da história local. Também porque desde o início investiu na contratação de uma consultora e assessora em patrimônio histórico e educação patrimonial que, além de subsídios teóricos, acompanhou os trabalhos com sugestões e oficinas, costurou as pontas, apontando e desafiando possibilidades de entrelaçamento para a revelação de um tecido comum. Esse apoio da administração pública e de uma consultoria sempre presente, foram fundamentais para a continuidade do Museu de Rua.

Picada Café optou por esse tipo de ação. Queremos dizer com essa afirmação, que a iniciativa não foi externa como, tampouco, houve pressão externa. É uma comunidade que gosta de lembrar, contar e descobrir fatos sobre sua história e sua gente. Ama seu espaço e sua paisagem e não cansa de fotografá-la. Projeta seu futuro sem esquecer que tem suas raízes num patrimônio histórico e ambiental. Não tem vergonha de se apresentarem como agricultores, aqueles

que se dedicam à atividades agrícolas em pequenas propriedades familiares, assim como fizeram seus antepassados. Ou seja, a comunidade gostou e se sentiu à vontade em contribuir, participar e se mobilizar em prol de sua história.

As ações foram se articulando e desdobrando a partir de uma proposta despreziosa e focada em diversas ações de diferentes complexidades, mas sobre um mesmo pano de fundo: o patrimônio histórico, ambiental e humano.

Com essas colocações adiantamos alguns aspectos fundamentais para a continuidade dos museus de rua: a comunidade, a prática educacional e a política pública, que configuraram uma logística de envolver a comunidade como um todo em diversas ações voltadas para o mesmo foco: história e memória cultural, ou seja, a revelação do tecido comum que há 170 (cento e setenta) anos vem sendo tecido pelos imigrantes e seus descendentes que se assentaram nessa região do Vale do Rio Cadeia, sobreviveram e superaram seu isolamento.

Origens

O primeiro Museu de Rua, em Picada Café, nasceu como um projeto para comemorar os *180 anos da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, em 2004. O objetivo do projeto foi pesquisar a história das famílias através de atividades desenvolvidas nas escolas e culminaria com uma exposição – que denominamos *Museu de Rua* – dos trabalhos realizados pelos alunos, orientados por seus professores e apoiados pela comunidade. Nessa época, Picada Café não contava com museu, nem espaço disponível para tal. Essa exposição ocorreu por ocasião da *XII Kaffeeschneis'fest*. A festa foi organizada na rua e o museu se apresentaria sob algumas de suas tendas, em frente à Sociedade Aliança, no centro da cidade. Por motivos de chuva, a exposição foi organizada no *mezzanino* da Sociedade.

Tinha tudo para ser um projeto que se encerraria nessa ação: a Secretaria de Educação e suas escolas realizando atividades

especiais para se integrar às comemorações de 180 anos de imigração e colonização, durante um evento anual do município. No entanto, o entusiasmo e a adesão dos professores, alunos, comunidade escolar e a comunidade de Picada Café durante a execução das atividades, na organização do Museu de Rua e na visita, bem como os depoimentos que foram registrados no livro de visitas, deixaram a certeza de que trabalhar com patrimônio histórico era um campo fértil para uma proposta de educação significativa, fundada na realidade das crianças, integrando escola e comunidade, possibilitando leituras do presente, ancoradas no passado e com projeções para o futuro. Assim o público interpretou a exposição, mas o que sucedeu, foi muito mais.

Essa percepção e as primeiras ações que ampliaram as atividades com o patrimônio histórico, em Picada Café, foram registradas no livro: *Na trilha dos lírios: escola e comunidade traçam seu futuro através do passado*, obra coletiva que reúne, entre outros textos, relatos de professores, de professoras e trabalhos de alunos⁶.

O ambiente

Picada Café foi uma colônia agrícola de origem teuta, ocupada a partir de 1844, que ainda hoje se caracteriza por uma significativa homogeneidade étnica. A população tradicional e a maioria dos jovens é bilíngue – falam português e o dialeto alemão *Hunsrück* – cultivam as mesmas tradições culturais e religiosas. Os migrantes de outras regiões e outras etnias aos poucos se integram à comunidade local. Atualmente, o município tem em torno de cinco mil habitantes.

Sabemos que mesmo as comunidades etnicamente homogêneas (resguardando os limites desse conceito) recebem inúmeras influências na sua interação com sujeitos de outras culturas, defrontando-se com diferentes situações, além do contato com os meios de comunicação contemporâneos, que fazem com que essa identidade cultural comum esteja permanentemente em transformação, readaptação e busca de equilíbrio⁷.

Portanto, o trabalho com o patrimônio histórico objetiva fortalecer a continuidade de um ambiente cultural, sem engessá-lo ou fossilizá-lo, mas garantindo sua vitalidade e capacidade de renovação e inovação, ao mesmo tempo em que atrai para o processo os estranhos para que se integrem e contribuam com suas histórias de vida e tradições. A vida na comunidade – que, por sua vez, é constituída de inúmeras outras comunidades locais e de interesses – é essencialmente dinâmica e está em permanente transformação. Mudam os olhares, as emoções, os entendimentos e as compreensões quando estão ancorados em tempos presentes e projetam futuros. Mas não são necessárias rupturas, quando os diálogos e a dialética se dão sobre base humanista de compreensão do homem que se faz e se perpetua deixando um rastro de história preñe de relações inter-humanas e marcas ambientais. Quando essa compreensão humanista é capaz de se conjugar na primeira pessoa do plural, transcendendo a primeira pessoa do singular e a compreensão de ser um plural composto por um “eu” mais um “tu”. Que seja um nós no sentido de os seres serem sujeitos com os quais trabalho em comum e construo conhecimento em comum. “O nós (que) se converte na realidade fundamental, com relação ao qual o “eu” é posterior e derivado”⁸. Compreender que nossos ancestrais em circunstâncias diferentes e com meios diferentes lutaram por valores e ideais análogos, idênticos ou diversos dos atuais, permite formar uma “consciência de fazer parte de um todo que nos transcende, que continuamos no presente e que os homens que virão depois de nós continuarão no futuro. A consciência histórica só existe em uma atitude que superou o eu individualista”⁹.

Quando iniciamos o trabalho com educação patrimonial, já estavam em andamento ações de educação ambiental e cooperativista, o que por um lado facilitou o trabalho e a mobilização e, por outro, mostrou que integrar esses conceitos e valores era fundamental para o sucesso e a compreensão de que o patrimônio histórico é constitutivo dos sujeitos como um coletivo. Picada Café faz parte de uma região¹⁰ de tradição associativista, cooperativista, de solidariedade e ajuda mútua, manifesto nas comunidades

religiosas, nas sociedades recreativas, nas cooperativas de caráter econômico, entre outras¹¹.

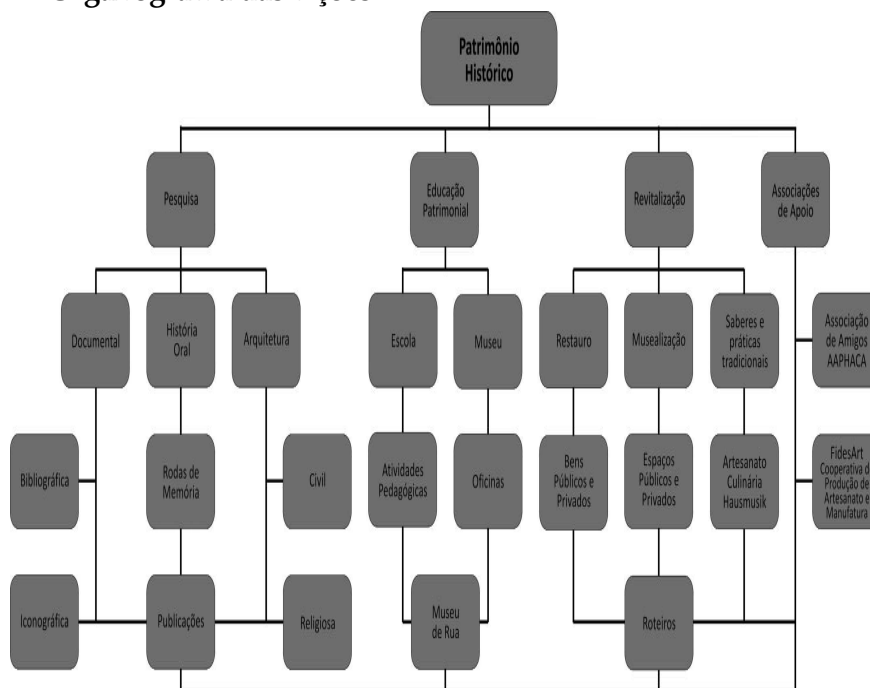
Estrutura do Programa de Educação Patrimonial

O Programa de Educação Patrimonial, em Picada Café se propôs a dar conta dessa dinâmica, de forma que a história, a cultura e a tradição local fossem valorizadas e preservadas, constituindo-se, junto às pessoas e ao patrimônio ambiental, no capital de inestimável valor para o desenvolvimento local sustentável (VARINE, 2005). O Museu de Rua constitui-se, como já dissemos, em um aspecto de um conjunto de ações que se propõem em preservar e valorizar o patrimônio histórico de Picada Café, como pesquisas e inventário de bens edificados, para os quais concorrem também ações educacionais, além de restauração e revitalização de bens e espaços e a valorização e revitalização do patrimônio imaterial.

O Programa desenvolveu-se através de quatro braços, interligados e complementares, realizados por diversos atores:

- 1) Atividades nas escolas e no museu – educação patrimonial, que culminam com o Museu de Rua; os atores são os professores e os alunos das escolas municipais de ensino fundamental¹², com apoio da comunidade e da Secretaria de Educação;
- 2) Ações de pesquisa e inventário de bens materiais e imateriais;
- 3) Ações culturais, de restauro e revitalização na comunidade, que, envolvendo-a, configuram-se como uma forma de realizar educação informal;
- 4) Ações de apoio que tem como objetivo garantir a continuidade e ampliar o Programa de Educação e Preservação Patrimonial: a Associação de Amigos do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Ambiental de Picada Café (AAPHACA) e a Cooperativa de Artesanato e Manufatura (FidesArt).

Organograma das Ações



A educação formal reúne professores e alunos, coordenadores ou orientadores e interessados, num espaço mais ou menos delimitado, com objetivos claros, metodologias específicas e uma margem razoável de controle. A educação informal dá-se de forma mais difusa. Há a figura do coordenador ou organizador de atividades (um indivíduo ou uma equipe), que propõe ações a partir do grupo organizador e/ou a partir de sugestões externas, prepara o local, os equipamentos e materiais necessários. A adesão é voluntária conforme os interesses dos diversos sujeitos e/ou grupos da comunidade. Há objetivos comuns que congregam as pessoas, mas os grupos que se reúnem não são necessariamente os mesmos, durante um período de tempo ao longo de um ano, como é na educação formal. Tampouco há o mesmo tipo de controle e podem ocorrer surpresas.

Tanto a educação formal como a informal, seguem metodologias próprias e é fundamental que sejam sistemáticas e não esporádicas. Ambas passam por várias etapas que podem ser sucessivas

ou simultâneas: sensibilização, identificação, reconhecimento, valorização, consciência e ação.

Atividades nas escolas: preparação do Museu de Rua

Todos os anos – desde 2004 – durante a Jornada Pedagógica, realizada em fevereiro, é traçado o plano de ação para o ano letivo e é definido, com os professores, o tema referente ao patrimônio histórico a ser desenvolvido nas escolas. Esse tema é tratado nas diversas disciplinas de acordo com as abordagens possíveis e específicas de cada área do conhecimento. A pergunta chave é: *como posso trabalhar o assunto “X” a partir da matemática, da língua portuguesa, da geografia, da história, das artes etc.*, estimulando, assim, um trabalho interdisciplinar. Isso não significa que todos/as os/as professores/as, realmente, participem. Eles são convidados, motivados e desafiados e o resultado foi, sempre, de adesão da maioria.

No primeiro ano, em 2004, ao longo de dois dias de oficinas, os professores foram orientados em como trabalhar. A partir de uma fundamentação teórica referente a patrimônio histórico material – edificado e iconográfico – e ao patrimônio imaterial foram realizadas atividades práticas de como abordar e escolher as pessoas da comunidade que iriam fornecer as informações, como elaborar as entrevistas; como executá-las – através de visitas ao entrevistado ou trazendo-o à Escola –, como elaborar os relatórios das entrevistas, como coletar objetos e fichar os objetos coletados e/ou disponibilizados para a exposição, como higienizar e conservar esse acervo. A essas oficinas, ao longo dos anos, acrescentaram-se outras: oficinas de história oral, de conservação e limpeza de objetos, cursos de fotografia etc.

O trabalho do patrimônio histórico na escola acontecia integrado às disciplinas. A ideia original era fazer com que o aluno tivesse uma visão de mundo para além das limitações de cada disciplina, no sentido de desenvolver uma visão holística e não segmentada da realidade e do seu universo em especial. Essa proposta foi muito

difícil, pois os professores, formados e preparados para trabalhar com conteúdos de conhecimento compartimentados, tinham dificuldades de trabalhar o patrimônio histórico integrado à sua disciplina. Insistiam muito para que fosse criada uma disciplina de Patrimônio Histórico. O argumento mais simplório que contrapúnhamos a essa sugestão era o de que se não tivéssemos um excelente professor, aconteceria o mesmo que em outras áreas do conhecimento com professores desmotivados e realmente despreparados: o aluno passaria a detestar aquele saber. E isso era tudo o que não queríamos, pois questões de patrimônio histórico são vitais para que as tratássemos com indiferença, descontextualizadas ou mecanizadas. Ou, como diria Paulo Freire, nos padrões da *educação bancária*.

Os professores sentiam-se inseguros, pois trabalhavam com conteúdos que não estão em manuais, sem metodologia proposta por escrito e atividades e avaliações propostas pelos livros. Eram levantadas questões concretas, que emergiam do trabalho de campo e sugeriam diversas respostas. Juntavam-se informações convergentes, mescladas a aspectos divergentes sobre o mesmo fato. O conhecimento ficava incerto e nenhum manual dava a certeza ou confirmava a informação. Certezas e saberes abalados pelo cotidiano, pela vida. Situação que irritava alguns professores e provocava outros, que se aventuravam cada vez mais; e a conclusão de que o conhecimento não é definitivo nem unidirecional. Mais, que a exposição no Museu de Rua podia levar à comunidade essas incertezas e ampliar a discussão e o conhecimento.

Aproximávamo-nos do pensamento complexo de Edgar Morin e da formação de competências de Philippe Perrenoud. Utilizávamos metodologias propostas por Célestin Freinet, María Teresa Niedelcoff, entre outros.

Ficava claro que ler, ouvir teorias e replicá-las enquanto tal, até que era fácil. Difícil era identificar as questões na realidade e interagir, considerando o saber teórico, como escreveu Edgar Morin (1997, p. 95):

O pensamento complexo é, pois, essencialmente o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz

de conservar a organização. É o pensamento apto a religar, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo, reconhecer o singular, o individual, o concreto.

O modo complexo de pensar não tem apenas sua utilidade dentro dos problemas organizacionais, sociais e políticos. O pensamento que afronta a incerteza pode aclarar estratégias no nosso mundo incerto. O pensamento que religa, ilumina uma ética da realiança ou da solidariedade. O pensamento complexo como seus prolongamentos existenciais postulam a compreensão entre humanos.

Era mais fácil compreender a prática pedagógica como tema transversal, conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Embora os PCN não se refiram de forma explícita ao patrimônio histórico, no Ensino Básico, sugerem atividades que, através do conhecimento da história local, acabe por sensibilizar o aluno em relação ao tema. Sugere atividades que o integrem na comunidade como parte de uma coletividade, que desenvolvam ações que o ponham em contato com os mais velhos, com outras pessoas, com a história local. Como destaca o documento:

Um dos aspectos mais ricos nessas atividades é quando os estudantes têm a oportunidade de conviver e conversar com os habitantes da região, imprimindo em suas lembranças a linguagem local, o vocabulário diferenciado, as experiências, as vivências específicas, os costumes, a hospitalidade¹³.

Pretende-se com essas atividades fazer do aluno “um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço”¹⁴, e, dessa forma, prepará-lo para a etapa seguinte. Se no Ensino Básico a educação patrimonial tem essencialmente uma função de sensibilizar, já no Ensino Médio é a de desenvolver efetivamente uma consciência política e de cidadania.

O Museu de Rua

O Museu de Rua foi o fator dinamizador imediato das atividades, é o que dá sentido, a curto prazo, a todas as ações: constitui-se no

resultado visível, concreto e partilhado com a comunidade, não apenas como uma tarefa escolar, mas como uma ação de construção de um conhecimento coletivo, de revelação e sistematização de uma memória ainda viva, viabilizado através de trabalhos ao longo do semestre ou do ano letivo e que terminam expostos na forma de Museu, em espaço fora da escola.

Desde o início, em 2004, trabalhar o Museu de Rua caracterizou-se como uma estratégia em educação patrimonial. Em primeiro lugar, porque era uma forma de manter as crianças em contato com sua história ou, como diz o Papa Francisco, “nossas escolas deveriam ser um espaço onde nossas crianças e jovens pudessem ter contato com a vitalidade de nossa história” (BERGOGLIO: 2013, p. 49). Em segundo, o município não tinha museu e pretendia se preparar e construir com a comunidade o seu museu. Em terceiro, por questões metodológicas: um museu para não ficar engessado na exposição de um acervo permanente, precisa de exposições temporárias. Essas exposições resultam de projetos.

Desse modo, metodologicamente, nas escolas trabalhamos com projetos. Um projeto implica em definição e delimitação de tema; levantamento de hipóteses; busca de informações, através de entrevistas, pesquisa bibliográfica, pesquisa em documentos, pesquisa na internet; sistematização das informações; levantamento de objetos pertinentes ao tema, com elaboração do inventário dos objetos, registro, higienização e conservação dos mesmos, preparação da exposição, com painéis, banners, pastas com informações, folders etc.; organização da exposição, do espaço, dos objetos, dos textos; e escala de professores e alunos responsáveis pelo acompanhamento dos visitantes, durante a exposição. Todas as ações são documentadas e reunidas em uma pasta que registra a pesquisa e todos os trabalhos paralelos e complementares. Foram confeccionadas pastas com entrevistas, textos, relatórios, fotografias e cópias de documentos de todas as turmas que pesquisaram e organizaram museus de rua, o que constitui um razoável conhecimento da história e do patrimônio material e imaterial do município, reunido e elaborado pelas escolas.

Subsidiámos o corpo docente com técnicas e metodologias de pesquisa, princípios básicos de museologia e museografia, para que, juntos com seus alunos e outros voluntários da comunidade, pudessem tratar de manter o museu não só organizado, mas com permanentes *novidades* por meio de exposições temporárias. Assim, além do trabalho na escola ser desenvolvido com sentido e significado, porque parte da realidade da criança, esse trabalho tem uma repercussão imediata na comunidade através da provocação e da ativação do museu local (SPERB e WERLE, 2004).

Foram realizados doze museus de rua com diversos temas que focam aspectos da vida e da história econômica, social, cultural e religiosa no município: Histórias de Família; Histórias da Escola; Máquinas e ferramentas da agropecuária; Festas em Picada Café; Profissões; Jogos e brincadeiras; Cada casa, uma história; Higiene e alimentação; Fé e religiosidade; Contos, cantos e recantos de Picada Café; Caçadores de Tesouros. Durante seis anos as exposições foram organizadas junto com outros eventos, como a *Kaffeschneisfest* e a *Feira do Livro* ocupando um espaço nesses contextos. A partir de 2010, os Museus de Rua passaram a ter data própria de exposições e efetivamente foram para “a rua”, desvinculando-se de outros eventos e ocupando lugares públicos: bancos, casas comerciais, indústrias, instituições etc.¹⁵ – sempre bem acolhidos pelas casas, com animadores comentários dos visitantes e dos gerentes ou proprietários e grandes expectativas em receber o próximo Museu de Rua. Em 2012, realizamos o XII Museu de Rua, cujo tema foi *Nossos tesouros humanos*.

Atividades no Museu do Parque

O Núcleo Histórico do Parque Histórico Jorge Kuhn constitui-se em espaço original, onde, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, funcionou uma pequena agroindústria. Embora parcialmente restaurado e musealizado, ainda está em fase de organização e estruturação. Nesse sentido, as atividades de educação patrimonial não têm apenas o objetivo de sensibilizar a

criança para o patrimônio histórico, senão de, também, motivá-la como possível colaborador voluntário do museu comunitário.

As atividades no Museu do Parque desenvolvem-se nas oficinas *O Passado no Presente* e *Encontros com Clío*, através de projetos com temas diversos, conforme interesses e demandas. A primeira oficina implica em buscar informações e aprender a fazer objetos antigos: brinquedos e brincadeiras, sabão e sabonete, a pintar imagens sacras etc.

A segunda oficina está mais ligada à museologia. Os alunos aprendem e realizam a identificação, catalogação e registro de objetos do Museu e de propriedades que integram o acervo municipal (tanto propriedades particulares como públicas). Nessa oficina, o trabalho de educação patrimonial no Museu vai além de atividades lúdicas, de motivação e de sensibilização. Prepara futuros colaboradores voluntários.

Essas oficinas apresentam às crianças um museu que está voltado também para fora, para o entorno, para a comunidade e o patrimônio aí existente e vivo. É do Museu que partem as ações de orientação para a preservação e conservação do patrimônio da comunidade.

Consideramos importante registrar que desenvolver com os alunos atividades que não se restringem ao conhecimento abstrato e conceitual da sua história local, mas aproximá-los de conhecimentos técnicos pertinentes à área do patrimônio histórico e sua conservação – por exemplo, a limpeza e a manutenção do acervo, por sua vez composto de vários materiais como madeira, metal, têxteis, papel, porcelana, vidro etc – desperta-os para a possibilidade de fazerem-se profissionais de restauro e técnicos em conservação. Além disso, serve para informá-los dos caminhos legais para que patrimônio edificado, material e imaterial seja preservado e salvaguardado.

As atividades desenvolvidas nessas oficinas com as crianças voluntárias, também, eram incluídas nos Museus de Rua. Esses grupos apresentavam o resultado de suas pesquisas e eram importantes como apoio para a preparação dos objetos que foram à exposição.

As ações culturais com a comunidade

Em 2011, foi possível ampliar as atividades, pois a Secretaria de Educação designou uma educadora para atuar como coordenadora local e responsável pelo Museu e práticas educativas: a professora Patrícia Rosina Stoffel Hansen. Tiveram início as ações de caráter cultural e que, envolvendo as pessoas da comunidade, funcionam como educação informal. São os encontros para os momentos de *Hausmusik* (Música do Lar) e as *Rodas de Memória*. Ambas acontecem na Cafeteria do Museu do Açougue e são de iniciativa do Núcleo Histórico do Parque. A *Hausmusik* tem o objetivo de valorizar as pessoas das comunidades do município, dando oportunidade para que mostrem seus talentos com instrumentos musicais e canto. Observou-se que esse evento reúne entre trinta e quarenta pessoas, mas o significativo, talvez, seja que pessoas recém moradoras no local, comparecem com seus instrumentos musicais e se integram com os demais músicos.

Também na Cafeteria do Museu do Açougue, no Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, realizaram-se *Rodas de Memória* – sempre gravadas em vídeo – que reúnem moradores de diversas idades para conversar, relatar e relembrar acontecimentos passados, com tema preestabelecido. Também nesses encontros comparecem pessoas que recém se mudaram para o município, ou então, aqueles que saíram, foram morar em outro lugar e voltam, sendo a roda de memória é uma possibilidade de reencontro. Também, nesses momentos, reúnem-se entre trinta e quarenta pessoas.

Associações de apoio

Para garantir a continuidade das ações foram criadas duas associações: a Associação de Amigos do Patrimônio Histórico Cultural e Ambiental de Picada Café (AAPHCA) e a Cooperativa de Artesanato e Manufatura (FidesArt). A Associação de Amigos desenvolveu, em 2012, um programa de eventos de música clássica popular e erudita, no projeto denominado *A Igreja é o palco*. São

quatro apresentações que contam com o patrocínio parcial de empresas locais, mais os ingressos pagos pelos espectadores. Os eventos têm reunido mais de cem pessoas, contando, pois, com auditório lotado.

Ações consolidadas

Como colocamos no início deste texto, o Museu de Rua não se constituiu em ação isolada, senão que integrada a um conjunto de ações que mobilizou o município, suas comunidades e munícipes e que implicou, também, em ações mais complexas que determinaram a busca de profissionais especializados e recursos de diversas fontes.

Consideramos consolidadas aquelas ações que mobilizaram pessoas e recursos para sua concretização, tendo como meta a preservação de espaços fundamentais para a memória local. Espaços de onde partiam, partem e partirão e para onde convergem as diversas ações de renovação e inovação. Esses espaços, como no passado, agora revitalizados serão lugar de convergência de pessoas de Picada Café, como de seus arredores.

No segundo semestre de 2004, a prefeitura municipal adquiriu uma grande área, que incluía um conjunto edificado que se constituiu, no século XIX, numa pequena agroindústria que inclui moinho, açougue, matadouro, galpões, estrebaria, casa comercial e residência. Até 2012, as edificações estavam restauradas com recursos vindos de diversas fontes (do Brasil e da Alemanha), e algumas edificações ocupadas e revitalizadas.

A Igreja Histórica Nossa Senhora da Visitação, mais antiga em Picada Café (da década de 1880), foi tombada em 1998 e, em 2011, nela foi instalado o Memorial da Fé. Na mesma ocasião foi inaugurado o roteiro Caminho da Fé que percorre as cinco igrejas históricas¹⁶, com comunidades ainda vivas e pulsantes.

Foram publicados dois livros: *Na trilha dos lírios*, que já citamos e, nesse ano de 2014, um trabalho de pesquisa sobre os vitrais das igrejas históricas, *Lux perpetua: o caminho da fé através dos vitrais*, escrito por pesquisadoras locais, membros da APHACA.

Considerações finais

Em 2013, a nova gestão municipal optou por não investir e, tampouco, apoiar as atividades e ações com patrimônio histórico do município. Mas, ensaiou tomadas de decisão que colocariam em risco imóveis e áreas tombadas e restauradas. Portanto, esse ano foi de alerta e providências para a conservação do que se considera consolidado.

Nessa mobilização foi fundamental a ação da AAPHACA. Evitando confrontos diretos, a Associação buscou apoio no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) e continuou com publicações do informativo, com nova denominação, *Estações*, que além do formato do informativo anterior, esclareceu polêmicas com a administração. Realizou eventos culturais, entre eles *A Igreja é o Palco* e coordenou o encaminhamento e publicação do livro *Lux Perpetua*. Além disso, continuou recebendo visitas guiadas para o Roteiro da Fé.

A AAPHACA, neste ano de 2014, vai para a mesa de negociações para assumir e gerenciar algumas instalações concretizadas nos anos anteriores. De qualquer modo, não é o caso de lamentar e considerar que o comprometimento com a administração anterior tenha criado a situação atual de solução de continuidade. Ela foi fundamental numa comunidade tão pequena. Serão apenas anos mais atormentados que, esperamos, estritos a uma gestão. Mas sempre lembramos os versos irônicos de Mário Quintana: “eles passarão, eu passarinho...”.

Enfatizamos que fatores que garantiram a continuidade do Museu de Rua ainda existem, excetuando, no momento, o apoio e investimento público. Os professores e alunos continuariam com as atividades, para as quais, talvez, seria importante criar outra denominação que não “museu de rua”. A colaboração da comunidade está disponível, bem como o apoio das empresas. O elemento inovação – a diversidade temática, a expansão para diversos espaços públicos, a definição de uma data própria e duração da exposição – que sempre foram fatores importante para manter a motivação e o engajamento.

A comunidade não rompeu com seu patrimônio histórico, mas já se decepcionou com a atual administração; os professores que sempre trabalharam integrados ao Museu de Rua, continuam trabalhando com educação patrimonial; a Associação de Amigos está em campanha para aumentar seu número de sócios.

Lamentavelmente, ainda continuamos com políticos que, quando assumem, rompem e desprezam o que foi realizado na administração anterior, pensando que para deixar a sua marca devem apagar – de preferência literalmente – o que foi construído e começar do zero, com iniciativas esdrúxulas, querendo deixar clara a diferença de ideologia e de visão de mundo. Não sabem que o rio da história apaga as arestas e fica a memória de quem se egocentrou e não entendeu o que vinha sendo construído na solidariedade.

Notas

*Mestre em História Ibero-americana, consultora em patrimônio histórico e educação patrimonial, sócia-fundadora do Instituto Histórico de São Leopoldo.

**Pedagoga da rede municipal de Picada Café, com especialização em alfabetização. Foi professora coordenadora das ações de educação patrimonial no Município no período de 2007 a 2012. Presidente da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental (AAPHACA), de Picada Café.

1 Quando foi adquirida a área do Parque, a transação incluiu as edificações e grande parte do mobiliário. Constatou-se do contrato o compromisso da Prefeitura de tombamento do imóvel e de criar o Museu Chritiano Kuhn, patriarca da família. Desde 2004 vêm sendo realizadas obras e ações para atender esse compromisso.

2 Os temas foram diversos, sugeridos pelos participantes. Foram gravados em vídeo e editados.

3 O canto e a música eram comuns entre as famílias de origem germânica. Houve corais de famílias que fundaram corais de igreja. Ainda hoje existem grupos de músicos ou conjuntos musicais formados por membros de uma mesma família.

4 Foi um programa de atividades culturais realizadas no Memorial da Fé, que continuou em 2013, organizado pela Associação de Amigos.

5 Os trabalhos de conclusão de alunos da Universidade Aberta do Brasil – Polo de Picada Café – de caráter empreendedorista, sempre tiveram a história local como fundamento e ponto de partida.

6 SPERB, Angela Tereza; WERLE, Sussana Maria Mallmann (Coords.) *Na trilha dos lírios: escola e comunidade traçam seu futuro através do passado*. Picada Café: SMECDT, 2004. Essa publicação contou com a colaboração dos professores que escreveram seus relatos de experiência. Esboça, também, um programa de sustentabilidade através de uma educação que enfatiza o patrimônio histórico e ambiental local como fundamentos de desenvolvimento possível.

7 Identidade e pós-modernidade.

8 GOLDMANN, Lucien. *Las ciencias humanas y la filosofía*. Buenos Aires: Galatea Nueva Visión, 1958, p. 14.

9 Idem, p. 15.

10 Em Nova Petrópolis, em 1906, foi criada a primeira cooperativa de crédito da América Latina, que deu origem à Sicredi.

11 Picada Café tem cinco comunidades (associações) religiosas históricas, quatro católicas e uma protestante, quatro delas do século XIX; em 1916, foi fundada a Cooperativa de Crédito Rural que, anos mais tarde, integrou-se à Cooperativa de Crédito Rural de Nova Petrópolis (município vizinho), sendo que ambas, atualmente, fazem parte da SICREDI; além dessa cooperativa financeira, há quatro cooperativas de produção: a Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. – Piá, a Coopershoes, a Coopernatural, a FidesArt; e a Coedécio – e a Cooperativa Estudantil da Escola Estadual Décio Martins Costa.

12 A Escola Estadual Décio Martins Costa tem participado com professores e alunos da disciplina de História, do ensino fundamental e médio, de forma esporádica.

13 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. Brasília: MEC/SEP, 1997. p. 94.

14 Op. cit., p. 39.

15 Banco do Brasil, Banrisul, Sicredi; Coopershoes; Correios; Sindicato de Agricultores; Supermercado Piá; Sociedade Recreativa Rio Branco. Em torno de quinze empresas disponibilizavam espaço, mas não tínhamos material para todos, de modo que cuidávamos de fazer rodízio no ano seguinte.

16 Igreja Histórica Nossa Senhora da Visitação – Picada Holanda e Igreja São João; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB); Igreja Sagrado Coração de Jesus, no Jammerthal; Igreja Santa Joana Francisca de Chantal, na Joaneta; Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Centro de Picada Café.

Referências

BERGOGLIO, Jorge M. **Educar: escolher a vida**. Propostas para tempos difíceis. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEP, 197.

CHAGAS, Mario. **Museu, Memórias e Movimentos Sociais**. <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16512>

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GOLDMANN, Lucien. **Las ciencias humanas y la filosofía**. Buenos Aires: Galatea Nueva Visión, 1958.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Patrícia Rosina Stoffel. Memória viva e revivida. In: BALDISSERA, Maria Janete Soligo (Org.). **Experiências docentes: textos e contextos**. Porto Alegre: IPSDB, 2011.

ICOM. Conselho Internacional de Museus. **Museus, patrimonio y turismo cultural**. Trujillo (Peru)/La Paz (Bolivia): ICOM, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar. Le Besoin d'une Pensée Complexe. In: MENDES, Candido (Org.). **Représentation et Complexité**. Rio de Janeiro: Educam/Unesco/ISSC, 1997.

NIEDELCOFF, María Teresa. **As Ciências Sociais na Escola**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SÃO PAULO (cidade). SEMEC/DPH. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

SPERB, Angela Tereza. Patrimônio histórico e educação: uma história a ser contada. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli(orgs) **Articulando saberes na formação de professores**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPERB, Angela Tereza; WERLE, Sussana Maria Mallmann (Coords.) **Na trilha dos lírios: Escola e comunidade traçam seu futuro através do passado**. Picada Café: SMECDT, 2004.

SPERB, Angela Tereza (Org.). **Lux perpetua: o caminho da fé através dos vitrais**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

VARINE, Hugues de. **Les racines du futur: le patrimoine au service du développement local**. Lusigny-sur-Ouche (França): ASDIC, 2005.

VARINE, Hugues de. **La dynamique du développement local**. Le choix du Beaufortain. Lusigny-sur-Ouche (França): ASDIC, 2006.

Recebido em 25 de março de 2014.

Aprovado em 21 de julho de 2014.

Abstract

This text is a narration based on the heritage education work integrated into the educational plan of the municipality of Picada Café, known as Street Museum. The Street Museum has been in action for nine years, with the support of the Municipal Bureau of Education and, according to the account of its participants, is part of the community's life, has produced innumerable initiatives and connected with various situations and undertakings in the field of historic, cultural and environmental heritage. The text highlights the involvement of the community with the actions proposed by the museum and emphasizes the dialogue with school practices in the perspective of overcoming their limitations. It also presents the methodological assumptions of the initiative dedicated to the preservation of heritage and analyses, finally, the probable reasons for the permanence and continuity of the Street Museum.

Keywords: Heritage Education. Street Museum. Heritage. Community. Picada Café.